



RÁDIO EDUCATIVO NO BRASIL: UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO

Marlene Blois

UNIVIR.COM

O Rádio é primordialmente um veículo do povo e, por essa razão, tem uma dívida social a resgatar. Se não pretender ser uma escola de vida e de solidariedade, o Rádio não tem razão de existir.

(J. Fernandes de Oliveira)

I – O Rádio Educativo e Suas Fases

O Rádio no Brasil nasceu educativo e cultural pela iniciativa do cientista e educador Edgard Roquette Pinto, na sala de Física da Escola Politécnica, na cidade do Rio de Janeiro. A Rádio Sociedade inaugurada em 20 de abril de 1923 foi o laboratório vivo da primeira manifestação, em nosso país, da tecnologia sendo usada como meio de levar educação para muitos, rompendo os muros da escola formal.

O Rádio Educativo, ao longo dos seus 80 anos de vida, apresenta seis fases distintas em sua evolução, que categorizei em pesquisa realizada em 1995-96:

- Fase Pioneira, que teve como marco o próprio advento da radiodifusão no país e se pautou na ideologia de sua implantação, incluindo a inauguração da Rádio Sociedade, em 20 de abril de 1923, e estendendo-se, até 1928, com a criação de Rádio-Escolas.
- Segunda Fase, entre 1929–1940, consolidando a ideologia inicial com a implantação das Rádio-Escolas e a criação das primeiras redes educativas, ao mesmo tempo em que o rádio delineava sua forma de atuação e abria caminhos para mudanças.

- Terceira Fase, entre 1941–1966, tendo como característica a interiorização e extensão da ação do eixo Rio–São Paulo, o que possibilitou a consolidação e a diversificação de sua ação educativa, criando novos impulsos para mudanças.
- Quarta Fase, entre 1967-1979, quando o rádio educativo, não fugindo ao que se passava na área da comunicação, fruto do momento político por que passava o país, foi marcado por ações centralizadoras de utilização do rádio para fins educativos pelo Estado. A criação de centros produtores regionais e a introdução de uma postura científica norteando todas as fases do processo (diagnóstico/planejamento/produção/veiculação/recepção) de ofertas educativas via rádio, fizeram o diferencial deste período, que nos colocava em igualdade com outros países mais avançados quanto à teleeducação via rádio.
- Quinta Fase, iniciada em 79, assinalou a conjugação de meios massivos à Educação e se consolidou com a inauguração de FM educativas, com a interação das emissoras em um sistema, com novos espaços se abrindo para a atuação do rádio. O fim do SINRED/ Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa encerrou esta fase de tão grandes ganhos para o Rádio Educativo.
- Sexta Fase, a fase atual do Rádio Educativo, teve seu início em 95 com o término das ações do SINRED. Consolida o compromisso de radialistas com a Educação, ampliando-se as ofertas radiofônicas educativas, agora também pelas rádios comunitárias. O rádio segue acompanhando a tecnologia do seu tempo, tanto em suas práticas de produção quanto nas de transmissão, surgindo emissoras educativas na Internet.

II – O PARQUE RADIOFÔNICO BRASILEIRO E AS RÁDIOS EDUCATIVAS

A primeira emissora de rádio brasileira surge em 1923, na cidade do Rio de Janeiro⁽¹⁾, e, em pouco mais de 80 anos, é possível apontar dados significativos com relação ao rádio no Brasil.

Embora contando com um fantástico parque radiofônico⁽²⁾, a distribuição das emissoras pelas regiões brasileiras não se dá de forma homogênea. A Região Norte, com

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

3.358.595Km², conta apenas cerca de com 6,5% das emissoras em funcionamento, enquanto que na Região Sudeste, com 924.935 Km² de área, estão 36% das rádios do País, o que se justifica pela grande concentração populacional e localização das mais importantes cidades brasileiras.

Quanto à natureza das emissoras instaladas, em dez anos (1984-1995) o país assistiu a uma explosão do Rádio, com crescimento de 265,4% das FM's e 132,3% das OM's, o que não atingiu as emissoras de OC e de OT, que apresentavam, na década, desempenho negativo, tendo sido numericamente reduzidas. Com certeza, saiu vitoriosa a política traçada pelo Governo Federal para expansão da radiodifusão no País, principalmente a sonora, que cresceu 164,8% somente em sua exploração comercial.

As *Rádios Educativas* se comportaram, no mesmo período, da seguinte forma: as OC's permaneceram numericamente inalteráveis, as OT's começaram a ser exploradas, as emissoras OM cresceram 177,7% e as FM's, 255%. No total, o parque das emissoras educativas apresentou-se ampliado em 225%. Este dado, que parece isoladamente ter um peso considerável, na verdade, no quadro geral da radiodifusão sonora brasileira, quase nada representou, uma vez que, se em 1984 as educativas representavam apenas 1,8% das comerciais, dez anos depois passaram a 2,5%. A Tabela 1 indica esta tendência, no período de 1984 a 1995.

Tabela 1 - Rádios Brasileiras Segundo a Natureza de sua Exploração - Período 1984 - 1995

Tipo	Comerciais		Educativas		TOTAL	
	1984 ⁽¹⁾	1995 ⁽²⁾	1984 ⁽¹⁾	1995 ⁽²⁾	1984	1995
FM	452	1.200	20	51*	471	1.521
OM	1.176	1.557	09	16	1.185	1.573
OC	34	29	03	03	37	32
OT	89	81	-	02	89	83*
TOTAL	1.751	2.867	32	72*	1.782	2.939*

FONTE: (1) RAD / DENTEL - Data: 03/04/1984. Blois (1984, p. 46)

(2) SFO / MC - Data: 28/02/1995 e SINRED / FRP - Data 16/08/95

* Educativas: Canais Outorgados até 95, com emissoras em instalação

A utilização do rádio, numa perspectiva educativa, deixa muito a desejar no Brasil, o que se reflete na desproporção entre o número de emissoras comerciais e as educativas, em operação no País e em qualquer uma das Unidades Federadas que o compõem. Em 1995, 66 emissoras educativas operavam no Brasil, em FM, Ondas Médias, Ondas Curtas e Ondas Tropicais⁽³⁾.

Em termos de distribuição geográfica, no mesmo ano 50% das Educativas localizavam na Região Sudeste; 19,7%, na Nordeste; 16,6%, na Sul; na Centro-Oeste, 9,1%, ficando apenas 3,0 na Região Norte.

Tabela 2 - Distribuição das Emissoras de Rádio - Educativo por Região em 1995

Região	OT	OC	OM	FM	TOTAL
Norte	1	-	-	1	2
Nordeste	-	1	3	9	13
Sudeste	1	2	7	24	33
Sul	-	-	4	7	11
Centro-Oeste	-	-	3	3	6
Total	2	3	17	44	66

Fonte: FRP/SINRED – 16/08/95

Do conjunto das 44 FMs Educativas em operação, destacavam-se as que mantinham algum vínculo com instituições de ensino superior (IES) e que, por isso, são chamadas de Rádios Universitárias. As FMs Universitárias eram em número de 18, ou seja, 40,9% do total das Educativas; das 17 em OM, 7 se vinculavam à IES/Instituições de Ensino Superior, o que corresponde a 41,8% deste total. Em OT e OC não havia emissoras vinculadas ao mundo acadêmico.

Quanto à esfera administrativa da Instituição de Ensino Superior, havia Rádios vinculadas a universidades públicas federais, estaduais, municipais e de natureza privada, conforme indicam os dados da Tabela 3.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

Tabela 3 - Distribuição das Rádios FM e OM Universitárias, segundo a Esfera Administrativa da Instituição de Ensino Superior e a Forma de Veiculação em 1996.

Esfera Administrativa da Instituição	Vinculação				Total		%	
	Direta FM	Fundação OM	Fundação FM	Fundação OM	FM	OM	FM	OM
Universidade Pública Federal	2	5	5	-	7	5	39	71
Universidade Pública Estadual	2	-	5	1	7	1	39	14
Universidade Municipal Pública	-	-	1	-	1	-	5,5	-
Universidade Privada	-	1	3	-	3	1	17	14
Total	4	6	14	1	18	7	100	100

Fonte: Blois (1996)

Enquanto a maioria das OM pertenciam a Universidades Públicas e Federais, não existindo emissoras no âmbito das Públicas Municipais, as FM estavam igualmente localizadas em Universidades Federais e Estaduais, tendo uma única representante na esfera pública municipal e três pertenciam a universidades particulares.

Se considerarmos o conjunto das Rádios Universitárias em 1995, independentemente da faixa em que operavam (FM e OM), as 25 emissoras representavam 37,87% das rádios educativas brasileiras instaladas.

III – NATUREZA DA PROGRAMAÇÃO DAS FM's EDUCATIVAS

No estudo que realizei (1995) sobre as FM's Educativas⁽⁴⁾, foi possível traçar, comparativamente, o perfil da programação oferecida pelas Rádios Universitárias e pelas Não Universitárias.

Os dados coletados indicam que programas humorísticos (menos de 10%) e séries esportivas (menos de 20%) não encontravam, nas FM's Educativas, espaço de realização efetiva. As séries instrucionais (40,90%) e os cursos (31,81%) também não conseguiram se constituir em ofertas de peso, como as séries culturais (90,90%), por exemplo.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

Tabela 4 - Natureza da Programação oferecida pelas FMs Educativas, ordenada de forma decrescente

Ordem	Natureza dos Programas	Sim (%)
1	Informativo Cultural/Esportivo	95,45
2	Música Popular Brasileira	95,45
3	Noticiário Local/Nacional/Internacional	90,90
4	Séries Culturais	90,90
5	Música Popular Estrangeira	86,33
6	Música Clássica	86,33
7	Prestação de Serviços/Utilidade Pública	86,33
8	Séries Científicas/Tecnológicas	68,18
9	Séries Instrucionais	40,90
10	Cursos	31,81
11	Séries Esportivas	18,18
12	Humorístico	9,09

Blois, 1995.

Foi possível ainda estabelecer comparação entre a programação oferecida pelas Rádios Universitárias e pelas Não Universitárias, conforme dados apresentados na Tabela 5, que elenca a natureza dos programas, seguindo a mesma ordenação utilizada no quadro referente ao conjunto geral das FMs Educativas (Tabela 4), esperando-se, assim, melhor situar a questão.

Tabela 5 - Natureza da Programação oferecida pelas FMs Universitárias e Não Universitárias

Ordem	Natureza dos Programas	Rádios Universitárias	Rádios Não Universitárias
1	Informativo (cultural/esportivo)	100	90,91
2	Música Popular Brasileira	90,91*	100
3	Noticiário (local/nacional/internacional)	81,82*	100
4	Séries Culturais	100	81,82
5	Música Popular Estrangeira	72,73*	100
6	Música Clássica	90,91*	81,82
7	Prestação de Serviços à Comunidade/Utilidade Pública	81,82*	90,91
8	Séries Científicas/Tecnológicas	72,73*	54,55
9	Séries Instrucionais	36,36	45,45
10	Cursos	36,36*	18,18*
11	Séries Esportivas	27,27	9,09*
12	Humorístico	18,18	0

Blois, 1995 * Previsto para 95 / 96 (9,09%)

As FMs Universitárias privilegiavam, em suas programações, os informativos e as séries culturais (todas as rádios), a música popular e a clássica, o noticiário e a prestação de serviços / utilidade pública, ganhando igual peso as séries científicas / tecnológicas e a música popular estrangeira. No caso das emissoras Não Universitárias, todas ofereciam música popular brasileira, estrangeira e noticiário, quase todas informativo, prestação de serviços / utilidade pública, séries culturais e música clássica, ficando os percentuais relativos aos demais programas listados bastante abaixo (séries científicas / tecnológicas - 54,55% e instrucionais - 45,45%). Vale destacar que a oferta de cursos era bastante tímida, tanto num grupo quanto noutro, embora as Universitárias os colocassem em suas programações duas vezes mais do que as não vinculadas a instituições de ensino superior (36,36% para 18,18%).

IV – PROGRAMAÇÃO DESTINADA A PÚBLICOS ESPECÍFICOS

Considerando-se que há a idéia de que as FMs direcionavam suas programações para segmentos de público, no estudo realizado foram apresentadas dez questões visando levantar dados que pudessem comprovar ou não se as FMs Educativas privilegiavam algum segmento.

Foram então apresentadas nove categorias, a saber: crianças, adolescentes, donas de casa, terceira idade, trabalhadores rurais, professores, grupos envolvidos em ações comunitárias, público comprometido com questões ambientais e movimento negro, deixando-se ainda, em aberto, a possibilidade de serem acrescidos outros grupos. Pode-se então apontar que as FMs Educativas ofereciam programas para: (a) adolescentes; (b) público comprometido com questões ambientais; e (c) com ações comunitárias; (d) terceira idade; (e) professores; e (f) trabalhadores rurais.

Foi possível ainda, para se ter uma posição sobre o assunto, levantar as categorias com baixo atendimento pelas emissoras: (a) crianças; (b) movimento negro e (c) donas de casa.

A Tabela 6 apresenta, comparativamente, o percentual de oferta de programas destinada a públicos específicos, pelos três Grupos respondentes: A- conjunto de todas as Rádios Educativas; B- conjunto das Rádios Universitárias; e C- conjunto das Rádios Não Universitárias.

Tabela 6 - Rádios educativas brasileiras programação destinada a públicos específicos pelos grupos A, B e C*

Ordem	Segmento de Público	Grupo A (%)	Grupo B (%)	Grupo C (%)
1	Adolescentes	63,64	54,55	72,73
2	Público comprometido com questões ambientais	59,09	72,73	45,45
3	Professores	50,00	72,73	27,27
4	Grupos envolvidos em ações comunitárias	50,00	54,55	45,45
5	Terceira idade	40,91	36,36	45,45
6	Trabalhadores rurais	36,36	27,27	45,45
7	Donas de casa	31,82	27,27	36,36
8	Movimento negro	22,73	27,27	9,09
9	Crianças	18,18	27,27	9,09

Blois, 1995 * A - Todas as Rádios Educativas; B - Rádios Universitárias; e C - Rádios Não Universitárias

Objetivando exemplificar os temas dos programas direcionados aos adolescentes, uma emissora universitária citou: Educação para o Trabalho, AIDS, língua estrangeira, cinema, sexualidade e maternidade.

Ainda referente a programas especialmente produzidos para públicos específicos, o questionário utilizado na coleta de dados possibilitava a inclusão de outros segmentos, além dos nove discriminados. Na verdade, enquanto *público*, foram citados, sem que houvesse coincidência de indicações: os universitários e a comunidade cultural, este amplo demais para que se tenha uma real delimitação. Os demais acréscimos não especificavam, propriamente, a que segmento se dirigiam os programas, mas, sim, discriminavam temas enfocados, como: trânsito e saúde, folclore de todo o Brasil, interação latino-americana / MERCOSUL.

V – CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE AS RÁDIOS EDUCATIVAS E SEU PAPEL NA COMUNIDADE

O Rádio no Brasil constituiu-se na primeira manifestação tecnológica de uma realidade virtual e hoje caminha em espaços desterritorializados (o rádio na internet), evoluindo sempre, firmando posição sem saber, realmente, que “cara” irá ter.

Na Educação, o Rádio, em oito décadas, contabiliza expressivas realizações, marca seu compromisso com a nossa cultura, mantém um certo padrão da língua portuguesa, passando informalmente aos ouvintes norma culta, sem negar ou desprezar a diversidade regional num país continente. Segue sua vocação de meio que tem na construção da cidadania o seu principal fim. Com propostas educativas, já provou que pode ser eficiente, eficaz e democrático.

Cabe aqui tecer as seguintes considerações sobre uma Rádio Educativa:

1. Uma emissora de Rádio Educativo não é uma rádio *na* comunidade, mas *da* comunidade, e nessa condição deve não só satisfazê-la em suas necessidades e interesses, mas, também, ser um meio de promovê-la socialmente.
2. A comunidade, sociologicamente entendida, possui laços históricos e culturais fortes e próprios, objetivos que direcionam suas ações e instituições / agentes que os operacionalizam. A Rádio Educativa é um desses agentes. Assim, precisa atender a maioria da população - quando a ação for de alcance coletivo - e não deixar de ir ao encontro de grupos específicos, e das chamadas “minorias”, que também são parte da comunidade maior.

3. Seus vínculos institucionais podem ser com órgãos nacionais ou locais, como com entidades da iniciativa privada, desde que seus objetivos estejam voltados para ações que privilegiem a Cultura e a Educação, nos seus aspectos formativo e informativo. No entanto, a natureza da vinculação não deve ser o indicador a nortear a linha de conduta da emissora, que precisa manter uma posição isenta e ética, compromissada com a informação e a formação do público ouvinte, com a construção cotidiana da cidadania de quem a escolhe como meio de comunicação e de informação, de elo com a comunidade próxima ou distante.
4. A emissora educativa tem como uma de suas funções a valorização e preservação da memória histórica e cultural da comunidade da qual é parte. A abertura de espaço em sua programação para expressões da cultura local, regional e nacional, além da divulgação do registro dos fatos e personagens de destaque ao longo do tempo, e de seus tipos anônimos característicos, faz-se indispensável, uma vez que não há a mínima possibilidade de inserção, nas emissoras comerciais e nas grandes redes de comunicação, desse tipo de registro.
5. Outra função da Rádio Educativa é a de contribuir para a formação de recursos humanos voltados especificamente para atuar no Rádio e, em particular, em uma Educativa. O acolhimento de estagiários / bolsistas de Comunicação e de Educação é a maneira mais indicada para agir com o futuro profissional, ficando o treinamento em serviço recomendado para os que já estejam engajados na força de trabalho (formação permanente ou continuada).
6. A programação de uma emissora educativa é a grande marca que a difere de uma rádio comercial. As formas utilizadas para concretizar seus propósitos e chegar aos ouvintes vão desde as mais didáticas - os cursos e séries instrucionais - até realizações menos formais, mas não menos educativas, como o radiojornalismo, séries e spots culturais ou de utilidade pública, seleções musicais, a prestação de serviços à comunidade, propostas descompromissadas de interesses comerciais e modismos fabricados. É a educação aberta e continuada se realizando em linguagem coloquial e com forte apelo afetivo.
7. As emissoras educativas apresentam-se ainda em número reduzido, se comparado ao parque instalado com fins comerciais. A maioria não possuindo receita advinda da

comercialização de espaços publicitários na programação, sobrevivem com recursos reduzidos, captação de verba advinda de apoio cultural, muita criatividade e dedicação. Mas, unidas e reunidas em Sistema, Rede ou sob forma consorciada, podem estabelecer intercâmbio de programação e de experiências, contornar problemas e buscar soluções conjuntas para questões comuns. Outro dado de relevância é a ampliação de espaços para séries que registrem expressões culturais locais, compondo um rico acervo das coisas da região, do país ou da nossa latinidade.

8. As parcerias entre as emissoras viabilizam ainda co-produções de interesse regional e nacional a custos reduzidos, com os programas sendo veiculados por muitos canais, num trabalho efetivo de aproximação e de fortalecimento dos que atuam no Rádio Educativo.
9. A interiorização e a disseminação, via Rádio, de mensagens educativas podem se realizar de várias formas, através de: emissoras de longo alcance - OC; do aumento de potência de emissoras de OM já existem (desde que possível tecnicamente); ou da implantação de emissoras educativas, em FM, de caráter local. No Brasil, o Plano de Distribuição de Canais de FM / PBFM, do Ministério das Comunicações, estabelece reserva de canais exclusivamente para fins educativos. É preciso ocupá-los, guardada a identidade da comunidade a que cada um deve atender, sem preterir a oportunidade de tê-los, também, como veículo de programas de interesse estadual, regional e nacional.

Na pesquisa realizada foi possível concluir que o Rádio em FM tem apresentado evolução crescente no Brasil. Se, em 1973, 23 municípios já tinham no ar emissoras FM, este número subiu, em 1984, para 377 municípios e para 586, em 1988. A década de 90 se iniciou com 1.249 municípios dispondo de FM⁽⁵⁾. A proposta do Ministério das Comunicações / MC era ampliar, consideravelmente, as possibilidades de uso das FM's até o ano 2002, prevendo a criação de mais 4.200 canais, 3000 canais a serem distribuídos aos municípios que ainda não possuíam emissoras FM e destinando os demais 1.200 canais para municípios já atendidos.

Outros 4.250 canais de FM constavam das previsões do referido Plano até 2002, o que não se concretizou. É com base nessa reengenharia que concluimos ser viável reivindicar, também, o aumento do estoque de canais de FM para fins educativos. E garantir aos

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

municípios, que hoje se encontram sem perspectiva de ter a sua Rádio, que possam vir a tê-la, uma vez ser viável tecnologicamente.

Se a televisão tende a se desenvolver cada vez mais através de redes mundiais, tanto de distribuição quanto de produção, é possível ainda no rádio manter-se grande autonomia de identidade. As Rádios Educativas precisam estar atentas para a imposição massiva da mundialização de uma cultura dita sem território e despida de ideologia. Às Educativas, através da programação que oferecem e da interatividade que mantêm com o seu público, cabe um papel fundamental no respeito à diversidade cultural e na identidade local nesses tempos de globalização, que, mais do que da Economia, da Comunicação e da Informação, é do imaginário, na medida em que o usuário dos sistemas de informações deixa de ter como referência uma realidade existente. Sem perder a visão de mundo, que as programações das Rádios Educativas sejam construídas com as raízes de uma comunidade - a de cada uma - que tem história, valores, cultura e, mais do que tudo, identidade que se espera preservada.

VII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOIS, Marlene Montezi.. Reserva e ocupação dos canais educativos em FM. Comunicação. Rio de Janeiro, Bloch, n.33, [1985], p. 12-15.
- _____. O uso cultural e educativo do Rádio no Brasil. In: A comunicação na construção da paz. SOARES, Ismar de O. e MOTTA, J. M (Orgs.). São Paulo: Paulinas / UCBC (co-edição), [1987]. p. 149-153.
- _____. Rádios e TV's universitárias: uma proposta em discussão. In: Comunicação e Solidariedade, São Paulo: Loyola, 1992, p.107-112.
- _____. Florescem as FM Educativas no Brasil. Radiografia do Radioeducativo no Brasil e os Fatores Favoráveis a Ocupação dos Canais de FM Educativos. Tese (Livre Docência em Comunicação - Televisão e Rádio). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1996. 471 p.
- FAUSTO NETO, Antônio. Incomunicação rural : dependência e fatalismo. In: Comunicação / Incomunicação no Brasil. MELO, José Marquês de (Org.). São Paulo: Loyola, 1976, p. 85-103.
- OLIVEIRA, J. Fernandes de. O Rádio a serviço da solidariedade. É possível? In: FERNANDES, Francisco A. M. e BARROS, Laan M. de. (Orgs.). Comunicação e Solidariedade. São Paulo: Loyola - UCBC, 1992. p. 177-180.
- RAMOS, Murilo César. Educação, Comunicação e Cultura da informação na Transição Pós-Moderna. In: Comunicação e Cultura Contemporâneas. Rio de Janeiro: Notrya, 1993. p.95-114.